



Discurso do Paraninfo da Turma 2011 do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública

Prof. Edilson Tavares

Em nome do professor Silvio Soglia (vice-reitor da UFRB), saúdo a todos os colegas da mesa, os caros colegas professores e funcionários homenageados... Mas, quebrando o protocolo, quero saudar as maiores autoridades desta noite, razão da existência desta cerimônia: os formandos em gestão pública, seus pais, amigos e familiares que lutaram, por no mínimo três anos, para hoje estarmos aqui!

Graduar-se, formar-se... Certamente, um momento ímpar de alegrias e múltiplas emoções compartilhadas por diferentes atores, com distintos orgulhos de chegar a este momento de transição... Não uma simples despedida, mas um rito de passagem significativo que reafirma o compromisso ético, político e social, individual e coletivo, dos que aqui se graduam, comprometendo-se com uma nova gestão pública, que implica uma vontade constante de fazer e defender a justiça, a liberdade, a res pública, não apenas enquanto forma política de governo, mas como modo de vida política fundada na primazia da ética, do interesse comum, no exercício da civilidade, da virtude pública. Isto significa o nosso compromisso com a construção e fortalecimento da participação e da democracia, melhorando a dinâmica das instituições públicas (governamentais e não governamentais), do estado, das políticas públicas, dos cidadãos. Certamente, este é um grande sentido para se formar!

Formar para transformar e se transformar, buscar mais e mais conhecimentos no sentido de tentar compreender:

- a inesgotável dinâmica da transformação que é a vida...
- a complexidade do ser humano...
- as ambiguidades e ambivalências existentes entre o público e o privado...
- o difícil desafio de observar as experiências humanas e, a partir delas, ressignificar a própria história...

Falando em história, este é um grande sentido pelo qual estamos aqui reunidos celebrando este momento: cumprir com o maior desafio da vida que é: fazer história! Vocês, neste momento, concluem mais um capítulo da história de vocês e da UFRB, junto com suas famílias, seus professores, colegas de turma.

Não poderia deixar de apontar aqui alguns momentos muito especiais dessa história, que culminam com esta formatura e com a minha lisonjeada presença como paraninfo. Um paraninfo ou um padrinho de formatura é uma espécie de testemunha e ao mesmo tempo, de modo figurado, um protetor. Neste caso, gostaria de salientar que, se sou padrinho desta turma, certamente, é porque esta turma foi minha “madrinha” na UFRB. Foi com esta turma que, ao ingressar na UFRB, em 11 de outubro de 2012, tive a oportunidade de reafirmar que aqui é o meu lugar! Afirmar que tenho muito a aprender e apreender no Recôncavo da Bahia, enquanto professor da UFRB e cidadão.



Assim, foi após uma longa greve que um “estranho” entra em sala de aula, imediatamente após a posse, assumindo uma disciplina de Participação e sociedade civil e ainda substituindo uma colega professora que estava de licença em outra disciplina (Métodos quantitativos). Foram vários encontros, às quintas e sextas a noite e, de quebra, aulas aos sábados pela manhã, para compensar o período atrasado... Não foi fácil ser professor por dois ou três semestres às sextas-feiras, das 19h às 23h, para uma mesma turma que estava lá firme, mesmo com o cansaço após uma longa jornada de trabalho diurno e outras atividades, viagens noturnas indo e vindo de Feira de Santana, Santo Amaro, Salvador, Cruz das Almas e outros lugares... Mas, como nos ensina o poeta Damário da Cruz, “a possibilidade de arriscar é que nos faz homens”.

Tivemos uma verdadeira *overdose* contínua e interdisciplinar, que fez por vezes com que alguns de vocês chegassem em sala de aula “tentando se achar” (qual o texto? Qual o disciplina de hoje?) entre textos e contextos destas diferentes disciplinas que, para “complicar”, ainda exigia um tal trabalho interdisciplinar. Felizmente, como nos diz o poeta Chico César, “caminho se conhece andando, então vez em quando, é bom se perder”.

Assim, nós felizmente nos “perdemos” e gloriosamente “desconstruímos”, “repensamos” ou “reafirmamos”, “nos achamos” por, no mínimo, dois ou três semestres consecutivos, dando um sentido para a formação e para a vida. Aliás, saliento aqui que esta turma, semestre após semestre, sempre estava lá, firme, disposta, construindo novos caminhos. Como não lembrar da estranheza dos olhares nas primeiras aulas, sobre as imagens das obras de arte “Persistência da memória, de Salvador Dali”, e do “Fractal de Picasso”, com um padrinho louco que pergunta como ver, metaforicamente a partir dessas obras, a relação entre república, democracia, participação e espaço público? Como não lembrar das múltiplas visões? Até mesmo uma “galinha” na obra de Picasso? (Só nosso amigo da turma e os fortes compreenderão!)

Como não lembrar das dramatizações e figurinos que usamos para representar nossos preconceitos e estereótipos? Como não lembrar do monitoramento da participação social via Facebook? Como não lembrar das nossas atividades de extensão, da visita técnica com direito a banho na Baía (Bahia) de Todos os Santos? Como não lembrar dos nossos eventos? Como não lembrar das dúvidas sobre fazer ou não fazer um curso tecnológico? O que tudo isso tem a ver com a nova gestão pública?

Foram muitos os momentos felizes e de formação e, por isso, tenho muita gratidão a todos e todas vocês por permitirem acreditar na UFRB e no seu corpo docente, por acreditarem em vocês enquanto agentes centrais da própria formação. A formação, como nos diz o professor Roberto Sidney Macedo, é este “conjunto de condições e mediações para que as aprendizagens socialmente legitimadas (...) “um fenômeno que se configura numa experiência profunda e ampliada do ser humano que aprende interativamente, de forma significativa, imerso numa cultura, numa sociedade, através das suas diversas e intencionadas mediações” (MACEDO, 2010, p.21). A formação é, portanto, um direito do homem, uma construção coletiva de desenvolvimento, uma experiência reveladora das necessidades pessoais fundamentais, uma busca constante do vir a ser.

Hoje, oficialmente graduados em gestão pública, vocês concluem uma parte significativa do processo de formação, que não para por aqui. Ao contrário, deve instigá-los a ver a necessidade de continuar se formando, formal e informalmente, aproveitando cada passo e minuto como uma experiência única para compreender o mundo, os problemas e as soluções que nós mesmos, enquanto gestores públicos, tentamos



ofertar por meio de ações, programas, projetos e políticas públicas. Esta compreensão significa a existência se apresentando em formação. Ou seja, existimos compreendendo para poder viver, e com isso, nos formamos e fazemos história!

Cabe assim, comemorar as oportunidades numa universidade pública no interior da Bahia que, mesmo enfrentando muitas dificuldades, conseguiu garantir o direito a uma formação de qualidade.

Temos que comemorar também a convivência de no mínimo três anos com amigos e mestres, vivendo diferenças e sempre dispostos a aprender.

Temos que comemorar a vida fazendo história!

Falando no sentido da vida, relembro as sábias palavras de Albert Einstein, em “Como vejo o mundo”, quando reflete sobre qual o sentido da vida, afirmando que:

Minha condição humana me fascina. Conheço o limite da minha existência e ignoro por que estou nesta terra, mas às vezes pressinto. Pela experiência cotidiana, concreta e intuitiva, eu me descubro vivo para alguns homens, porque o sorriso e a felicidade deles me condicionam inteiramente, mas ainda para outros que, por acaso, descobri terem emoções semelhantes às minhas.

O mistério da vida me causa a mais forte emoção. É o sentimento que suscita a beleza e a verdade, cria a arte e a ciência. Se alguém não conhece esta sensação ou não pode experimentar espanto ou surpresa, já é um morto-vivo e seus olhos cegaram.

Não me canso de contemplar o mistério da eternidade da vida. Tenho uma intuição da extraordinária construção do ser. Mesmo que o esforço para compreendê-lo fique sempre desproporcionado, vejo a Razão se manifestar na vida. [...]

Sobre tais palavras de Einstein, podemos refletir sobre o que temos que fazer enquanto gestores públicos, em um sentido unívoco, independente de qualquer sistema que nos restrinja a liberdade. Devemos ser profissionais, portanto, interagindo, através de nossas escolhas, com tudo o que vemos, percebemos e apreendemos daquilo a que, preciosamente, observamos. As verdades absolutas e desconstruções, o certo e o errado, a racionalidade instrumental da gestão e a racionalidade substantiva, opostos que se enfrentam e se complementam, em um movimento rítmico e constante que molda nossas vidas e nossas histórias.

Enfim, vou caminhando para concluir este discurso, afirmando que a UFRB, o CAHL e o Colegiado do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública sentem-se extremamente orgulhosos, através de profissionais que os representam, em ter se constituído no rico espaço de construção e diálogo onde, durante estes semestres, vocês construíram o conhecimento que buscavam. Conhecimentos e saberes que foram se lapidando, aula a aula, conversa a conversa, pesquisa a pesquisa... diálogos e “dialéticas”, por vezes, intermináveis. Mas exatamente eles os tornaram mais ricos, mais inteligentes, mais investigativos, mais críticos. Mesmo agora, temporariamente fora das aulas, questionem, investiguem e instiguem, e voltem sempre e sempre a novas salas de aula, a novos questionamentos. A profissão que escolheram possui uma beleza muito própria, especialmente quando observamos a realidade, percebemos que o mundo que aí está precisa de vocês. Saibam compreender esta mensagem, este chamado pela res publica e democracia!

Para concluir as reflexões, deixo aqui duas palavras que devem marcar o significado de ser um gestor público, ser um profissional: a prudência e a gratidão. Para falar sobre estas duas virtudes, me inspirei no



filósofo André Comte-Sponville, no seu “Pequeno Tratado das Grandes Virtudes”, ao elencar 19 virtudes que o homem deve ter. Ele nos diz que

A polidez é a origem das virtudes; a fidelidade, seu princípio; a prudência, sua condição. A prudência supõe a incerteza, o risco, o acaso, o desconhecido. Um deus não a necessitaria; mas como um homem poderia prescindir dela? A prudência não é uma ciência; ela é o que faz as suas vezes quando a ciência falta. Só se delibera quando se tem escolha, em outras palavras, quando nenhuma demonstração é possível ou suficiente. É então que é necessário querer não apenas o bom fim, mas os bons meios que conduzem a ele! Não basta amar os filhos para ser bom pai, nem querer o bem deles para fazê-lo. Amar, diria o humorista, não dispensa ninguém de ser inteligente. Os gregos o sabiam, e talvez melhor do que nós. A phronésis é como que uma sabedoria prática, sabedoria da ação, para a ação, na ação. No entanto, ela não faz as vezes de sabedoria, porque tampouco basta agir bem para viver bem, ou ser virtuoso para ser feliz. Aristóteles tem razão, aqui, contra quase todos os antigos: a virtude não basta mais à felicidade do que a felicidade à virtude. A prudência é, porém, necessária a uma e à outra, e a própria sabedoria não poderia prescindir dela. Sabedoria sem prudência seria sabedoria louca, e não seria sabedoria.

Portanto, afirmar a *prudencia* é afirmar que cada pessoa é a protagonista de sua vida, só ela é responsável, em suas decisões livres, por encontrar os meios de atingir seu fim: a sua realização.

A outra virtude que citei é a gratidão, que segundo Sponville:

...é a mais agradável das virtudes; não é, no entanto, a mais fácil. A gratidão é dom, a gratidão é partilha, a gratidão é amor: é uma alegria que acompanha a idéia de sua causa, como diria Spinoza, quando essa causa é a generosidade do outro, ou sua coragem, ou seu amor. Alegria retribuída: amor retribuído. No sentido próprio ela só pode, portanto, referir-se a seres vivos. No entanto, podemos nos indagar se toda alegria recebida, qualquer que seja a sua causa, não pode ser objeto dessa alegria retribuída que é a gratidão.... A gratidão se regozija com o que aconteceu, ou com o que é; ela é, portanto, o inverso do arrependimento ou da nostalgia (que sofrem com um passado que foi, ou que não é mais), como também da esperança ou da angústia, que desejam ou temem (desejam e temem!) um futuro que ainda não é, que talvez nunca seja, mas que as tortura com sua ausência... A morte só nos privará do futuro, que não é. A gratidão liberta-nos dele, pelo saber alegre do que foi. O reconhecimento é um conhecimento (ao passo que a esperança nada mais é que uma imaginação); é por aí que ela alcança a verdade, que é eterna, e a habita. Gratidão: desfrutar eternidade.

Sendo assim, afirmarmos que esta formatura é um profundo rito de gratidão que temos uns com os outros e que seguirá para nossa vida profissional como principal virtude.

Assim, com prudência e gratidão, percebemos que vale a pena todo empenho, todo esforço, toda a vontade e, por vezes, sacrifício que, em algum momento, tivemos que fazer para realizar o sonho da formatura, estar entre familiares e amigos, com a mais legítima e justa sensação de dever cumprido. A partir de agora são muitos e outros os deveres que escolhem para si.

Desejo a todos que continuem por muito tempo carregando dentro de si a motivação que hoje os fazem tão felizes. Que façam conviver harmoniosamente o trabalho diário com a beleza e a poesia presentes em cada momento desta festa. E que sejam sempre jovens, mas maduros gestores públicos não apenas das organizações públicas e privadas nas quais atuarão, mas literalmente, gestores orgulhosos da história de vida



que cada um vem construindo, transformando e inovando... Agindo com prudência e gratidão... Descobrimo o mistério da vida!

Parabéns a todos e boa noite!